

SEMIOSE, INFORMAÇÃO E TRANSCODIFICAÇÃO

Cidmar Teodoro Pais

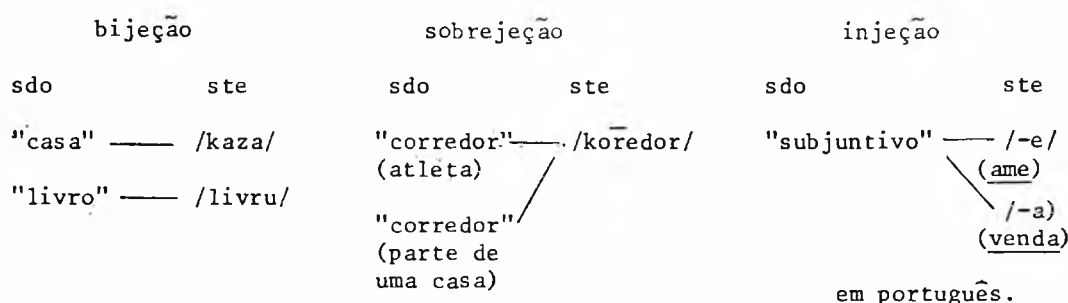
A compatibilidade e a articulação dos processos de produção da significação, entendida como relação fundamentalmente intrasemiótica, e de produção da informação, intra e inter-semiótica, seja nos discursos gerados pelos sistemas semióticos lingüísticos e pelos sistemas semióticos não-verbais, seja nos percursos sintagmáticos concomitantes que ocorrem, quando da eventual combinação daqueles, e, inevitavelmente, nos discursos dos sistemas semióticos complexos, seja, ainda, nos mecanismos de transcodificação e realimentação de tais sistemas, uns pelos outros, constituem, por certo, questões das mais fecundas e complexas, com que se debatem os estudiosos da semiótica.

A esta se acrescenta outra, igualmente árdua, a busca de um modelo científico que permita explicar a compatibilidade e a coerência ideológica dos recortes culturais produzidos ou reiterados pelos discursos de diferentes sistemas de significação, na medida em que pertençam estes últimos à mesma comunidade sócio-lingüístico-cultural, ou seja, a compatibilidade e a coerência ideológica dos diversos sistemas e seus discursos, verificáveis sempre que estes integram uma única macrossemiótica.

Daí decorrem várias indagações extremamente interessantes mas de difícil resposta, no estágio atual da ciência, como, por exemplo, a de saber até que ponto é possível assegurar semelhante coerência nos processos de transcodificação inter-macrossemiótica, necessariamente te parcial, e, por outro lado, procurar conhecer de que maneira, e com qual rendimento, a produtividade dos discursos de uma macrossemiótica pode interferir na dos de outra, ou seja, como interagem duas culturas na produção e sustentação de ideologia.

Com efeito, a significação, tomada como *função semiótica*, na proposta de Hjelmslev, é uma relação de dependência entre o plano da expressão e o plano do conteúdo, num sistema de significação, em suas grandezas-signos, em seus discursos. *Mutatis mutandis*, poder-se-ia dizer que a função semiótica é uma relação de dependência entre significante e significado, tal que o significante só é em relação ao

significado, o significado só é em relação ao significante, significado e significante só são na relação de significação, e esta só é entre os dois termos. Trata-se, por conseguinte, de uma função não orientada, recíproca e reversível, e que poderá traduzir-se por uma bijeção, uma injeção ou uma sobrejeção:



A função semiótica apresenta-se em três soluções básicas, já definidas pelo autor dos *Prolegômenos*:

a) A função semiótica, instaurada como relação intra-sígnica, geradora de uma *grandeza-signo*, ou seja, uma função semiótica da qual nenhum dos termos já seja uma função semiótica, como, por exemplo, em port. *carnaval*, para designar os três dias de entrudo, e que se expressa pela fórmula consagrada E R C;

b) A função semiótica, da qual o *plano de expressão* já é uma função semiótica, função meta-semiótica dita de *conotação*, como, por exemplo, port. *carnaval* para designar uma reunião que se julga deveria ser sóbria; função que se expressa pela fórmula (E R C) R C;

c) A função semiótica, da qual o *plano do conteúdo* já é uma função semiótica, chamada *função meta-semiótica propriamente dita*. Temos, por exemplo, a peça de Gianfrancesco Guarnieri, "*Antes quero asno que me leve.*" função meta-semiótica da *Farsa de Inês Pereira*, de Gil Vicente. Sua fórmula é E R (E R C)

Nesta concepção, a *função semiótica* é, necessariamente, uma relação intrasemiótica, isto é, que só pode existir no interior de um sistema semiótico determinado.

Bastante diversas são a natureza e as condições de produção da *informação*. Uma vivência qualquer, de um dado emissor, suscetível

vel de encontrar-se na origem de um discurso, de um determinado sistema semiótico, faz parte dos dados da experiência daquele emissor e é considerada como informação potencial, não tratada e não utilizável, num nível pré-código e trans-código. Isso significa que semelhante informação pode ser submetida a tratamento, em discursos concomitantes ou sucessivos, de vários sistemas de significação.

Tomemos, inicialmente, o processo *intrasemiótico* de tratamento da informação. Uma experiência *E*, parte, como dissemos, dos dados da experiência, é submetida a tratamento num sistema semiótico determinado, constituindo-se, pois, num segmento da substância semântica, produzido por um *recorte* realizado sobre o *continuum* amorfo semântico (Hjelmslev). Semelhante recorte resulta, assim, da projeção das formas (estruturas) de um código-filtro sobre a substância do conteúdo, formas pré-existentes àquele discurso, disponíveis no sistema, ou, se preferirmos, numa concepção mais moderna da dinâmica dos sistemas, resultantes dos discursos anteriores àquele em causa.

Os recortes da substância semântica, estruturados, postos em relação uns com os outros, configuram-se, desse modo, como *sentido do significado*, inscritos numa rede semântica. No entanto, como a produção dos recortes se dá por meio da atualização de uma combinação nova de grandezas-signos já existentes, ou, mais raramente, pelo engendramento de novas grandezas-signos, realizadas e realizáveis, tanto uma como outra, unicamente no percurso sintagmático de um discurso, verifica-se que aquela produção dos recortes se dá *através* da produção de significação, quer de funções semióticas *stricto sensu*, quer de funções meta-semióticas, isto é, *na semiose*.

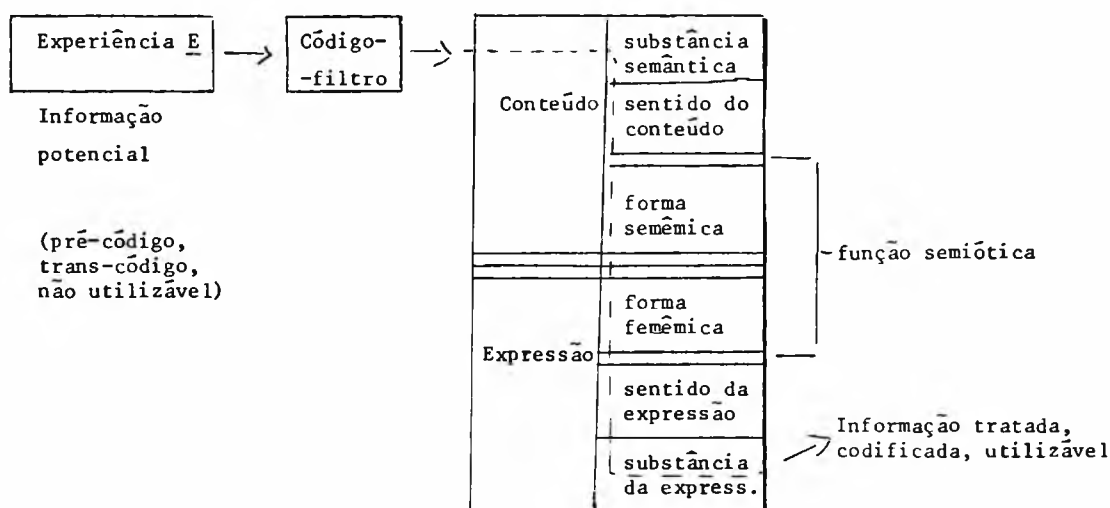
Nestas condições, tendo em vista a definição de função semiótica, a produção de um significado (forma x substância) é indissociável da produção de um significante (igualmente, forma x substância), no percurso discursivo, ou seja, da projeção de formas (estrutura) da expressão sobre uma substância de expressão (continuum), em que os recortes da substância de expressão configuram-se como *sentido da expressão*.

Dessa maneira, a informação de conteúdo, objeto da comunicação, é veiculada através da informação de expressão, peculiar a um sistema de significação. A experiência *E*, considerada como informação potencial, pré-código e transcódigo, não utilizável, é submetida a tratamento de um *código-filtro* e transforma-se em informação co-

dificada, filtrada e utilizável, isto é, suscetível de ser transmitida, armazenada e recuperada para novo tratamento, apresentando-se, então, estruturada segundo os modelos de um sistema semiótico determinado e como informação específica de um discurso. Uma parte da informação potencial, não compatível com a natureza do processo de tratamento da informação do código-filtro, perde-se ou é profundamente alterada.

Vê-se, pois, que a produção da informação se realiza sempre *via significação*.

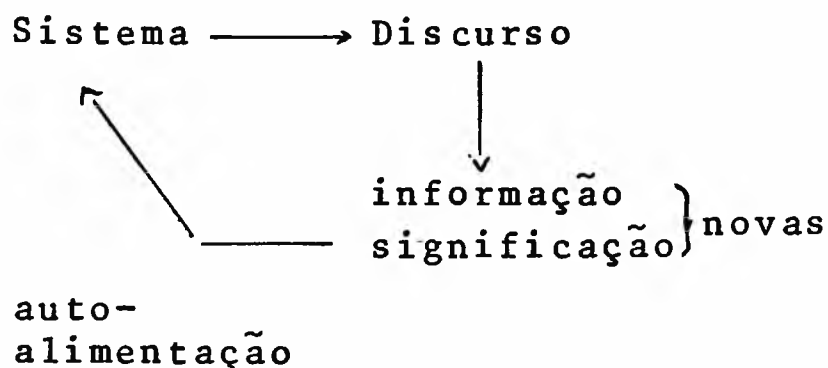
Se tomarmos, por exemplo, um sistema semiótico lingüístico, teremos o seguinte esquema de *produção de informação intrasemiótica*:



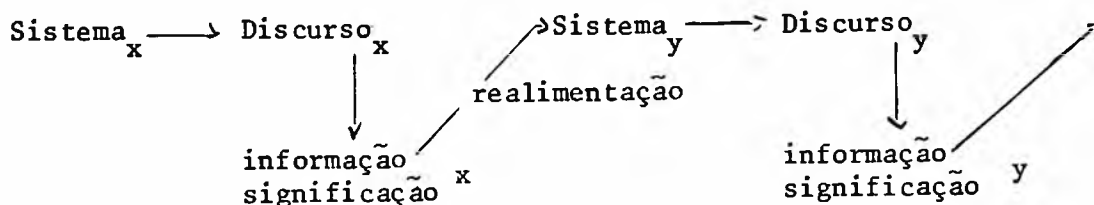
A informação produzida define-se, assim, como a relação entre significação e sentido, ou seja:

$$\text{Significado R Sentido} = \text{Informação produzida}$$

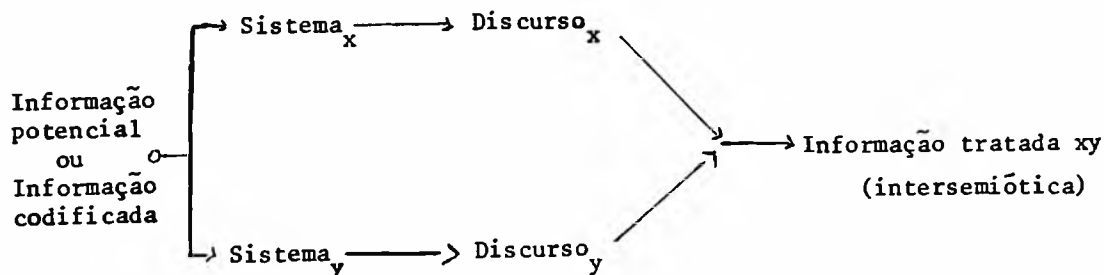
Se, algumas vezes, a informação que é submetida a tratamento pode ter sua origem numa experiência, não codificada num momento teórico x , imediatamente anterior ao discurso — informação potencial —, sucede, com muito maior freqüência, que a informação a ser tratada resulte da produtividade de um discurso precedente, do mesmo sistema semiótico, num processo de auto-alimentação, ou de *realimentação intrasemiótica*:



De outras vêzes, a informação submetida a tratamento é produto de um discurso precedente, de um sistema semiótico diverso. Trata-se, então, de *realimentação interssemiótica*, isto é, de um *processo de tratamento da informação interssemiótica*:



Finalmente, uma informação potencial ou resultante de um discurso de um sistema semiótico qualquer pode ser submetida a tratamento em paralelo, em discursos concomitantes de sistemas semióticos diferentes, ou nos percursos sintagmáticos discursivos dos sistemas semióticos complexos, que operam com vários códigos-filtros simultâneos. Temos, nesse caso, *um processo de produção de informação intersemiótica*:



Vimos que a *significação*, entendida como função semiótica, é uma relação de dependência entre o plano da expressão e o plano do conteúdo, de maneira que um significado só é em relação a um significante. Desse modo, significante e significado, enquanto formas

de duas substâncias — ou, se se preferir, como substâncias estruturadas — são privativos de um sistema semiótico e a significação, produzida no percurso sintagmático de um discurso, é específica desse discurso. Logo, a significação, assim concebida, é, por definição *intrassemiótica*; o significado e, *a fortiori*, o significante, não podem ser traduzidos de um sistema semiótico para outro, são *intranscodificáveis*.

Uma *informação*, ao contrário, é suscetível de ser tratada, como podemos observar, sucessiva ou simultaneamente, por diferentes sistemas semióticos, em discursos subseqüentes ou concomitantes. Temos, pois, basicamente, duas situações: uma informação resultante de produção *intrassemiótica* mas passível de tratamento *intersemiótico*, ou uma informação produto de um *processo intersemiótico*.

Na verdade, a informação da expressão, ou sentido da expressão é, também, privativa de um sistema semiótico e específica do seu discurso. Assim, pois, *somente o sentido do conteúdo, enquanto recorte de substância semântica e organização particular da experiência, é transcodificável*. Isso não impede, entretanto, que, em certos casos como o da tradução de um poema, se busque criar uma seqüência fônica de efeitos impressivos — ou fono-estilísticos — *comparáveis* mas convém lembrar que se trata de significantes motivados, ou, se preferirmos, da função poética, em que o significante é significado.

A partir dessas considerações, dois problemas extremamente difíceis podem ser propostos. O primeiro deles diz respeito à compatibilidade e à articulação entre funções semióticas — por definição *intrassemióticas* —, quando de sua produção em processos *intersemióticos*.

Com efeito, muito raramente encontramos na comunidade sócio-lingüístico-cultural, discursos completamente autônomos, produzidos por sistemas semióticos ditos “simples”, em atuação isolada. Assim, por exemplo, na comunicação banal, utilitária, o discurso lingüístico se faz acompanhar, quase sempre, de um discurso gestual — o jogo da expressão fisionômica, das mãos —, associando-se a estes ainda um terceiro discurso, produzido pelo sistema semiótico do vestuário. Mesmo nas comunicações telefônicas, constatamos que o emissor lança mão da expressão fisionômica, da gestualidade, muito embora o canal em questão filtre tais informações. O receptor, por seu lado, habituado a decodificar informação lingüística combinada à informação gestual, reconstitui a gestualidade do emissor, com relativa precisão, baseando-se em dados como os da intonação, do ritmo, etc.

Os sistemas semióticos complexos operam, ao mesmo tempo, com vários códigos-filtros, produzindo discursos paralelos, em percursos

sintagmáticos concomitantes, articulando-se a significação e a informação neles produzidas, de maneira que resultam de tais percursos uma significação e uma informação complexa. Num *discurso fílmico*, por exemplo, é possível surpreender a operação simultânea de doze códigos-filtros, por vêzes mais. É comum, por outro lado, a combinação da pintura e da arquitetura, em textos arquitetônicos, da pintura e da escultura, em texto da estatuária.

Teríamos um exemplo de sistema semiótico complexo mínimo na história em quadrinhos, em que se articulam um discurso lingüístico e um pictórico. O problema, entretanto, não é tão simples. Basta lembrar que, no discurso pictórico, acham-se transcodificados dados de discursos gestuais, arquitetônicos, do vestuário e assim por diante.

Para discutir o problema da produção de significação em discursos dos sistemas semióticos complexos e dos discursos concomitantes de sistemas semióticos ditos “simples”, quando eventualmente articulados, propusemos, em comunicação apresentada à 29a Reunião da Sociedade Brasileira para o Progresso da Ciência, realizada em 1977, um modelo a que chamamos as *resultantes semióticas complexas*.

Os discursos paralelos realizados em percursos sintagmáticos concomitantes produzem, cada um deles, significações, isto é, funções semióticas, que são, como sabemos, *intrassemióticas*, já que seus funtivos, significante e significado, são intranscodificáveis. Transcodificável é o sentido do conteúdo, de que nos ocuparemos mais adiante.

Não é possível considerar, nesses processos intersemióticos, que as funções semióticas dos diferentes discursos em paralelo constituam funções meta-semióticas, *lato sensu*, na concepção hjelmsleviana. De fato, as significações intrassemióticas produzidas nos percursos sintagmáticos concomitantes não podem ter o carácter de plano da expressão ou de plano do conteúdo, umas das outras, ou seja, não podem ter o estatuto de *funtivos*, de vez que a forma (estrutura) do conteúdo e da expressão dos sistemas semióticos “simples” colocados em relação é privativa desses sistemas.

Convém aduzir que a função semiótica é *não-orientada*, enquanto as relações entre funções semióticas dos diversos discursos produzidos concomitantemente são *orientadas*.

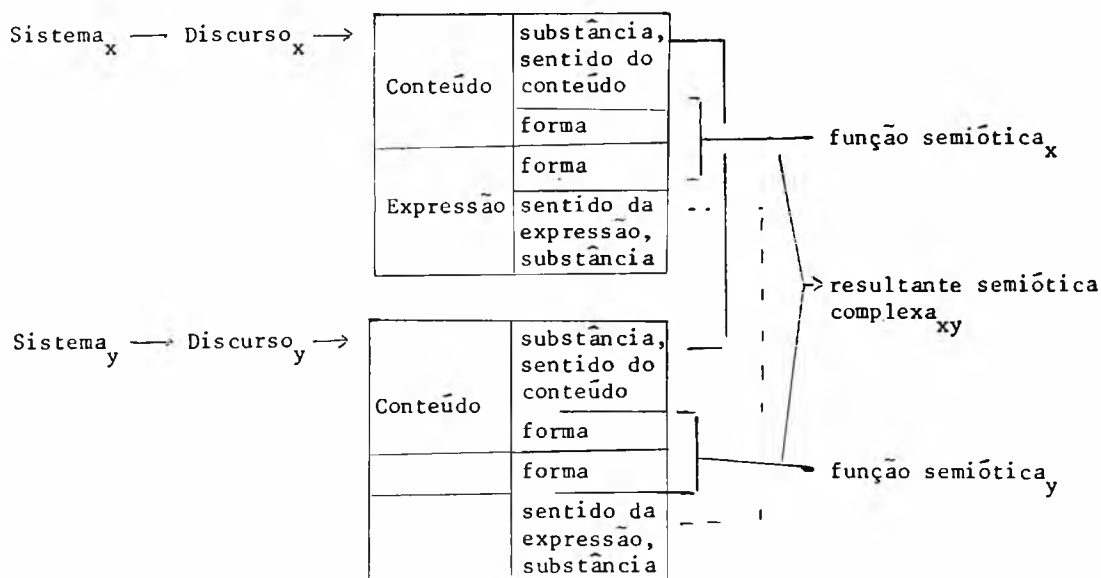
Sabemos que o sentido de conteúdo de uma função semiótica, considerado como recorte e organização particular da experiência é transcodificável. Por essa razão, os sentidos de conteúdo de duas ou mais funções semióticas produzidas em diversos discursos parelos, arti-

culam-se, necessária e inevitavelmente, seja reforçando mutuamente os recortes, seja provocando interferência dos recortes de uma sobre os de outra. Pode ocorrer, também, o relacionamento de dois significantes, sobretudo quando um deles, ou ambos, encontram-se em função poética. Esse relacionamento é sobretudo facilitado quando a natureza do tratamento da informação dos códigos-filtros envolvidos é parcialmente compatível — como, por exemplo, no caso em que se acham em presença uma seqüência gestual e uma seqüência musical de tratamento seqüencial contínuo.

De toda a maneira, produzidas duas significações — funções semióticas — ou mais, em discursos simultâneos de sistemas semióticos diferentes, realizados em percursos sintagmáticos concomitantes, aquelas significações interagem, produzindo uma significação complexa, isto é, uma *resultante semiótica complexa*.

Se tomarmos um sistema semiótico complexo mínimo, constituído da operação simultânea de dois sistemas semióticos “simples”, em que se manifestam dois discursos paralelos, como, por exemplo, o lingüístico e o pictórico, na história em quadrinhos, teremos o seguinte esquema básico de uma resultante semiótica complexa:

complexa:



Levando-se em consideração todas as possibilidades combinatórias das funções semióticas em causa, na produção de dois discursos paralelos de dois sistemas semióticos diferentes, chegaremos a um inventário das resultantes semióticas complexas, de sua articulação,

e do seu resultado em termos informacionais e de comunicação. Retomemos, para tanto, o exemplo da história em quadrinhos, em que se configura a interação do linguístico e do pictórico. Temos:

Resultantes Semióticas Complexas		Articulação		Resultado Informacional e de Comunicação
Função	Função	Linguístico	Pictórico	
ERC	/ (ERC)	denotação	— denotação	denotação reforçada
(ERC)RC	/ (ERC)RC	conotação	— conotação	conotação reforçada
ER(ERC)	/ ER(ERC)	fun.met.s.	— fun.met.s.	fun.met.-sem. reforçada
ERC	/ (ERC)RC	denotação	— conotação	interferência
ERC	/ ER(ERC)	denotação	— fun.met.s.	interferência
(ERC)RC	/ ERC	conotação	— denotação	interferência
(ERC)RC	/ ER(ERC)	denotação	— fun.met.s.	interferência
ER(ERC)	/ ERC	fun.met.s.	— denotação	interferência
ER(ERC)	/ (ERC)RC	fun.met.s.	— conotação	interferência

Assim, num sistema semiótico complexo que opera com doze códigos-intros, ou seja, que produz doze discursos em paralelo, o discurso complexo resultante comportará possibilidades combinatórias de suas funções semióticas, cada uma em relação a todas as demais, isto é, o número de resultantes semióticas complexas será 3^{12} , o que não implica, evidentemente, que todas sejam necessariamente manipuladas de modo consciente e efetivo pelo emissor. A fórmula geral será, pois,

$$3^n$$

onde n é o número de percursos sintagmáticos concomitantes.

Importa observar, ainda, que a *interferência* de duas funções semióticas em paralelo pode tanto provocar ruído da comunicação como ser o instrumento de um processo retórico. Por essa razão, a ordem — por exemplo, denotação/conotação ou conotação/denotação — não é indiferente, é pertinente, e a relação construída na resultante semiótica complexa é *orientada*.

O segundo problema, extremamente complexo, é o da produção da informação intra e intersemiótica. Não seria possível esgotá-lo nos estreitos limites deste artigo, nem mesmo numa obra mais alentada. Pretendemos, por conseguinte, esboçar apenas uma proposta de um modelo, suscetível de explicar certos aspectos da questão.

Fundamentalmente, deparamo-nos com duas situações:

a) Uma informação produzida no discurso de um sistema semiótico, informação *intrasemiótica*, realimenta um sistema semiótico diferente, produzindo-se outro discurso, com nova informação. O tratamento da informação inicial, em discurso *sucessivos* de sistemas semióticos diversos, transforma-a em informação *intersemiótica*;

b) Uma informação *intersemiótica* produzida por sistemas semióticos em relação *simultânea*, na produção de discursos paralelos realizados como percursos sintagmáticos concomitantes, seja pela articulação eventual de dois sistemas, seja pela sua combinação necessária, nos sistemas semióticos complexos.

Vimos que a informação de conteúdo, considerada como *recorte e organização particular da experiência*, resulta de um processo de estruturação privativa de cada sistema semiótico e específica do seu discurso. No entanto, o sentido do conteúdo é transcodificável, na medida em que seus recortes recobrem a mesma zona da substância semântica — os dados da experiência comuns a todos os sistemas semióticos de uma mesma macrossemiótica.

Por outro lado, constata-se que as informações intra e intersemióticas produzidas pelos discursos dos diferentes sistemas semióticos em operação numa mesma comunidade sócio-lingüístico-cultural não são, de modo geral, conflitantes. Subjaz aos discursos dos diversos sistemas semióticos uma mesma *visão de mundo*, de modo que os recortes culturais por estes produzidos são não somente *compatíveis*, como *reiterados* de sistema a sistema e de universo de discurso a universo de discurso.

Isso se dá, obstante serem os processos de produção da informação viabilizados através da significação intrasemiótica e apesar de, em cada discurso, o sentido do conteúdo estruturar-se segundo os modelos estruturais privativos de um sistema, e encontra-se, assim, na função semiótica, em relação de dependência, com um sentido da expressão também privativo do sistema em questão.

Acreditamos, na verdade, que o problema pode encaminhar-se para uma solução, se tomarmos a hipótese de que os chamados recortes são efetivamente produzidos num nível pré-código e trans-código, ou seja, num nível conceptual.

Reveste-se aqui, de suma importância a proposta de Pottier (1974), a respeito da *lexe*, vista como um conjunto de semas ou traços pertinentes conceptuais.

Se tomarmos uma *lexe* como um conjunto de atributos que definiriam um *objeto cultu'al* — tenha ele uma “referência” unicamente te cultural ou uma dupla “referência”, no universo cultural e no universo biofísico — poderíamos propor que o conjunto das *lexes* de uma macrossemiótica se organizaria em formas de *enciclopedia* de uma cultura, enquanto os signos de um sistema semiótico se inscrevem numa cadeia de interpretes, em formas de *dicionário*.

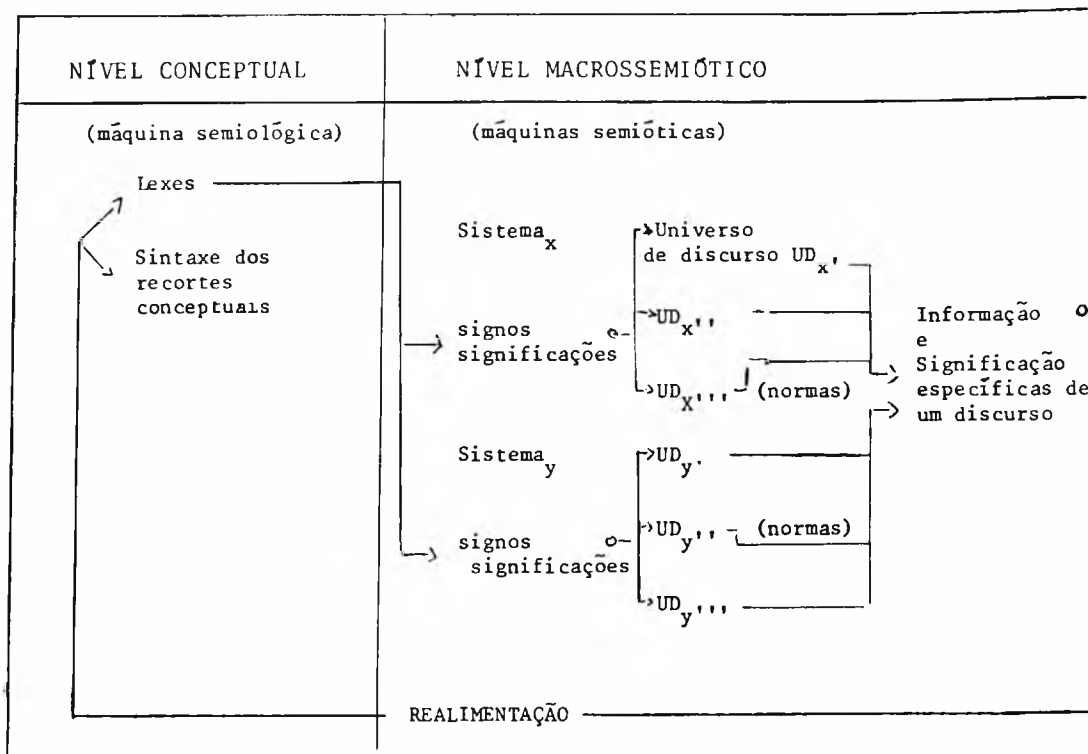
Nessas condições, a cada *lexe* corresponderia um *designatum* potencial que encontraria nos diferentes sistemas semióticos signos e significações, instaurando-se, em cada sistema, a relação *designatio/designatum*, estabelecendo-se, dessa maneira, uma intersecção dos recortes, condição da transcodificação e da realimentação intersemiótica.

Torna-se necessário, então, conceber um *léxico* conceptual, universo de *lexe*, vista como recortes conceptuais pré-código e transcódigo, e uma *sintaxe* de produção dos recortes conceptuais.

Nesse caso, *léxico* conceptual e *sintaxe* conceptual constituiriam uma máquina semiótica — exclusiva do plano de conteúdo —, como etapa intermediária na alimentação e realimentação dos sistemas semióticos de uma mesma macrossemiótica, de que resultaria a dinâmica dos sistemas semióticos e a produção de recortes compatíveis, de informação de conteúdo compatível, donde a produção e sustentação de uma ideologia coerente nos diferentes sistemas e nos discursos através dos quais se manifestam.

Tomando-se o *léxico* e a *sintaxe conceptuais* como máquina semiológica, ou seja, como parte comum das máquinas semióticas suscetíveis de produzir novas significações, nos diversos sistemas semióticos, “simples” ou complexos, configuram-se as *lexes* como *matrizes signícas*, capazes de provocar o engendramento de significação, e a produção de informação codificada, utilizável, através da significação, de um modo coerente nos discursos intra-culturais. Estes, por sua vez, realimentam o *léxico* conceptual, de modo que a *produtividade* informacional de um discurso pode, através das *lexes*, realimentar outro discurso, de um sistema semiótico diverso.

Esquemáticamente, teremos:



Assegura-se, assim, a compatibilidade das informações intra e intersemióticas produzidas, de que resulta a *coerência ideológica* dos sistemas semióticos e dos seus discursos, quando integrantes de uma mesma macrossemiótica, isto é, quando se definem como *intra-culturais*.

Caracteriza-se, por outro lado, a interferência de uma macrossemiótica sobre outra, nos processos de transcodificação intersemiótica intercultural, como uma atuação, através de discursos específicos, sobre o conjunto dos recortes conceptuais, do universo das lexes, através do processo de realimentação.

BIBLIOGRAFIA

- HJELMSLEV, L. — *Prolégomènes à une Théorie du Langage*. Paris, Minuit, 1968.
- POTTIER, B. — *Linguistique Générale*. Paris, Klincksieck, 1974.
- PAIS, C. T. — “Para um modelo cibernético de intertextualidade inter-semiótica”, comunicação apresentada à 29ª Reunião da SBPC, realizada em São Paulo, de 6 a 13/07/1977